O RELÓGIO

- E aí, vai querer ou não ?

O homem, com um aperto no coração, tenta decidir se valia a pena deixar o velho relógio alemão na loja. Era um carrilhão de 1895 com caixa de música, quase dois metros de altura e estrutura de madeira marrom totalmente trabalhada. Os entalhes eram tão minuciosos que o homem mais de uma vez se pegara parado, em frente a ele, tentando identificar todas as formas que ganhavam vida na madeira morta. E a cantiga que dele saía ? Sim, a partir daí descobrira que os alemães não só entoavam canções belicistas, mas também eram capazes de criar singelas melodias que, apesar da simplicidade dos acordes, jamais enfastiariam um ouvido romântico. Fora adquirido em outras épocas, há mais de trinta e cinco anos, quando dinheiro não era problema, e ele se permitia a compra de inúmeros bens de alto valor. Alguns úteis, outros nem tanto. Mas todos fazendo parte de seu universo, de seu mundo particular formado de coisas e objetos sofisticados.

- Olha, não sei se o senhor entendeu. É alemão. De mil, oitocentos e noventa e cinco - ~~ant~~ da guerra. Da primeira, compreendeu ?

- O senhor já falou duas vezes ...

- Mas uma relíquia dessas, e vale só isso ?

- É pegar ou largar. O senhor pode consultar outras lojas também. Nós vivemos de comprar e vender, temos que ter o nosso lucro. Além disso, quem garante que eu consigo fácil um comprador ?

Ele pensa no relógio com carinho. Imagina-se olhando-o de frente, talvez esperando um toque, um sinal que decidisse por ele o destino da peça. O homem mais uma vez contou a história do relógio: não era de série, foi feito por encomenda para um nobre alemão. ~~om~~ o

final da Primeira Guerra, acabou nas mãos de um burocrata russo. Entretanto, com a invasão alemã no segundo conflito, ele retorna a sua pátria. Mas por pouco tempo: foi embarcado em um navio mercante em seguida, sendo atingido por aviões ingleses. Naufragara bem próximo à costa holandesa, sendo rapidamente saqueado. No desembarque uma das cordas arrebentou, e a caixa que continha o relógio quase caiu no mar, sendo amparada na amurada da embarcação. Por isso a marca que possuía em uma de suas colunas que o homem jamais teve coragem de restaurar. A partir daí, a peça passou por diversas mãos, até vir ao novo mundo e chegar na ampla loja de antiguidades e instrumentos da galeria. Provavelmente, essa história toda era apenas conversa fiada para valorizá-la e justificar a pancada. Mas o homem que a estava tentando vender, trinta e cinco anos depois, acreditava piamente nela.

- Quando comprei esse relógio, negocieei com o proprietário anterior aqui mesmo nesse balcão. Paguei os olhos da cara. Lembro como se fosse hoje.

- Olha, provavelmente não foi nesse balcão, pois eu estou aqui já faz vinte anos e reformei a loja duas vezes. E o antigo dono tinha fama de vender tudo muito, muito caro. Lembro quando cheguei, viviam reclamando dele. Talvez por isso tenha falido. De qualquer forma, o senhor tem que entender o seguinte: os tempos mudaram, a realidade é outra. Isso aqui é uma loja de antiguidades, é normal que todo mundo que vem aqui oferecer alguma coisa tenha uma história dessas pra contar. Se o senhor quiser, posso deixar em consignação. A gente combina um preço, eu fico com quarenta por cento. Mas aí não tenho como adiantar nada. Pode demorar um dia ou um ano, é imprevisível. Vendeu, vendeu. Não?

O homem fecha os olhos por instantes, e parece retornar mais de três décadas no passado.

- Amor, que coisa mais linda !

- Você achou bonito ?

- É maravilhoso, não é mesmo ?

- Então é seu !

- Que isso, amor, eu não queria que você ... oh, deve custar uma fortuna !

- Você não tem preço ! Se é pra te fazer feliz ...

Em seguida, recorda dos anos felizes – pelo menos, ele os sentiu assim – que passara com jovem mulher. Ela era uma garçonete, uma garçonete simpática e especial do bar que o homem possuía – um de seus inúmeros empreendimentos. Tudo aconteceu muito rápido: a traição dos sócios, a falência, a perda de todos os bens ... e como que num golpe de misericórdia, o abandono da mulher amada. Quase a história de Jó, mas sem compensação?

- Escute, senhor, vamos ou não fechar o negócio ?

O homem sinaliza com a cabeça, enquanto procura disfarçar os olhos marejados. O comerciante prepara o cheque na hora. Não devia arriscar, ele poderia desistir. Estava acostumado, era assim mesmo com antiguidades. As pessoas se apegavam a elas e relutavam na hora de se desfazer. Como se vendessem um pedaço de si próprias. Uma parte da alma.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/o-relogio-1>